



ADAPTAÇÃO E ACOLHIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

LADWIG, Vânia Kunzler ¹; **GOI, Rosalina Elizete Pires²**; SOUZA, Jânia Loines Gonçalves de³ ;

Resumo: É importante acolher a criança ao ingressar na Educação Infantil para que ela se sinta segura e confortável nesse novo ambiente e, aos poucos, possa se familiarizar e construir laços de afetividade e de interatividade. O estudo partiu da necessidade de o professor se munir de conhecimento para acolher a criança no período de adaptação, estabelecendo vínculos afetivos, fundamentais para a superação de sentimentos de angústia, insegurança e de medo, e para a aquisição de aprendizagens. Adotou-se uma abordagem qualitativa, a partir do método indutivo e de uma pesquisa bibliográfica, que traz compreensões de autores sobre o tema. Pode-se dizer que a forma de receber a criança, de tocar, beijar, conversar são pequenos gestos que demonstram que ela é bem vinda à escola e, assim, iniciam-se os vínculos de confiança e afetividade com a criança e com a família que serão importantes para o desenvolvimento de outras capacidades (afetivas, motoras e cognitivas) e para formação da personalidade da criança.

Palavras-chave: Adaptação. Acolhimento. Educação Infantil.

Abstract: It is important to accommodate the child to join in kindergarten so she feels safe and comfortable in this new environment and gradually can become familiar and build ties of affection and interactivity. The study was based on the need to equip the teacher knowledge to accommodate the child during the period of adaptation, establishing emotional bonds, fundamental to overcoming feelings of anxiety, insecurity and fear, and for the acquisition of learning. We adopted a qualitative approach, from the inductive method and a literature search, which brings insights from authors on the subject. One can say that the way to get the child to touch, kiss, talk, are small gestures that show that she is welcome to school and thus begins the bonds of trust and affection with the child and the family that will be important for the development of other skills (affective, cognitive and motor) and for forming the personality of the child.

Key words: Adaptation. Home. Early Childhood Education.

¹ Formada em Pedagogia. Atua na Escola Municipal Infantil Trilha do Saber e Escola Municipal de Educação em Tempo Integral Eugenio Ernesto Storh_vania.ladwig@bol.com.br; ² Formada em Letras .Atua na Escola Municipal Infantil Trilha do Saber_ elizete.pires@hotmail.com; ³ Formada em Pedagogia. Atua na Escola Municipal Trilha do Saber e Escola Municipal Ruy Ramos_ loines@bol.com.br;



Introdução

Cuidar de crianças pequenas exige cuidados especiais e um planejamento diferente do que com outras crianças, pois os comportamentos, atitudes e reações não são previsíveis. Por esta razão, é importante conhecer a relação da mãe com a criança para saber dos hábitos, costumes, hora de dormir, problemas de saúde, cuidados especiais, etc., imprescindíveis para saber como lidar com crianças nesse nível de ensino (berçário I e II) e nessa faixa etária, ou seja, do 0 aos 2 anos.

O período de adaptação configura-se como um desafio, não só para a criança, mas para a família e escola, que vem permeado de ansiedades, angustias e inseguranças.

A necessidade de compreender o papel do professor nesse período de adaptação como acolhedor, e de que forma a escola pode contribuir com esse processo de adaptação para que a criança supere a separação dos pais e se sinta segura e confortável nesse novo ambiente levou à produção deste artigo. Nesse sentido, procurou-se responder às seguintes questões: “De que forma se dá o acolhimento e a adaptação de crianças que entram na Educação Infantil? Qual é o papel do professor? De que forma a escola pode se posicionar para que o acolhimento e a adaptação ocorram de forma satisfatória?”

Diante dessas questões, se teve como objetivo geral pesquisar sobre o acolhimento e a adaptação na Educação Infantil com crianças de berçários (I e II) e a importância do vínculo afetivo nesse momento. E, como específicos, compreender a diferença entre adaptação e acolhimento; analisar o papel do professor no acolhimento e na adaptação da criança de Educação Infantil; verificar de que forma a escola pode contribuir para que o acolhimento e a adaptação da criança ocorram da melhor maneira possível.

1.0 Educação Infantil

A necessidade de a mulher ingressar no mercado de trabalho impôs a elas a separação, desde cedo, de seus filhos e, dessa forma, delegar a outros os cuidados que seriam seus. A separação da mãe e a adaptação ao novo meio é um processo



doloroso para a criança, principalmente para os bebês de zero a dois anos; para os pais um momento de ansiedade; e para os professores um desafio.

A história evidencia que em creches e pré-escolas e até mesmo em escolas de ensino fundamental parecia não haver outro jeito: “ou as crianças se adaptavam ou se adaptavam” (ORTIZ, 2012, p. 3). A mãe “precisava” trabalhar e a criança “precisava” ficar na creche, tendo que se acostumar a este novo ambiente. A ideia de que a criança, mais cedo ou mais tarde, se acostumaria com o ambiente fazia parte do senso comum. Sentimentos de sofrimento, insegurança, desamparo e outros decorrentes deste processo eram desconhecidos ou ignorados. No entanto,

Lentamente, a educação passou a incorporar as descobertas derivadas da psicologia e em especial da psicanálise, que se preocupavam com os sentimentos, as emoções, a individualidade, a construção da identidade e o processo de socialização. As escolas que atendiam as crianças de classe média e alta foram as primeiras a repensarem o processo de entrada da criança na escola através da formulação de procedimentos específicos. Desde então, inúmeras propostas têm sido implementadas visando receber a criança e sua família da melhor forma possível. Todas elas compartilham do princípio que a entrada na escola pode gerar estresse nos envolvidos, criança, família e profissionais da educação, podendo, no entanto, ser suavizado ao máximo, através de um planejamento cuidadoso e da antecipação de intercorrências. (ORTIZ, 2012, p. 3).

Um planejamento minucioso pode, portanto, amenizar o sofrimento da família, da criança e da escola.

1.1 Adaptação e acolhimento

O período de adaptação na Educação Infantil é muito importante, tanto para a criança como para os pais. Constitui uma oportunidade de se estabelecerem outros vínculos afetivos além do convívio familiar.

As crianças podem reagir à separação dos pais e expressar de diversas formas esses sentimentos: chorar ou ficar muito caladas, agredir outras, adoecer, recusar-se a comer, a dormir, a brincar. É preciso acolher suas manifestações e conhecer a individualidade de cada uma, considerando como um processo natural e não rotulando a criança por tais atitudes. As crianças têm alguns hábitos; outras usam alguns objetos, como paninhos, chupetas ou brinquedos, que, para elas, têm um significado especial, pois depositam neles a sensação de estar perto da mãe ou de outras pessoas. Isso proporciona conforto emocional e segurança (ORTIZ, 2012).



Adaptar não significa esperar a criança se acomodar à nova situação à base de sofrimento, mas respeitar sua individualidade, limites e tempo de se acomodar à nova situação. Dessa forma, é preciso desmistificar a ideia de que adaptação e acolhimento são conceitos antagônicos e que ocorrem em momentos diferentes. Ambos se inter-relacionam e são interdependentes. Da mesma forma que o ato de educar não está separado do ato de cuidar (ORTIZ, 2010), adaptar não está desvinculado do ato de acolher.

A **adaptação** pode ser entendida como o esforço que a criança realiza para ficar, e bem, no espaço coletivo, povoado de pessoas grandes e pequenas desconhecidas diferentes daqueles do espaço doméstico a que ela está acostumada. Há de fato um grande esforço por parte da criança que chega e que está conhecendo o ambiente da instituição, mas ao contrário do que o termo sugere não depende exclusivamente dela adaptar-se ou não à nova situação. "Depende também da forma como é acolhida". (ORTIZ, 2010, p. 1, grifo da autora)

A adaptação é o esforço que a criança realiza para ficar bem nesse novo espaço, e a qualidade dessa adaptação depende do esforço daqueles que estão engajados no processo educativo. Já o acolhimento, na concepção de Maudonnet (2010), significa preocupar-se com o outro. A partir do momento que há preocupação com o outro, é preciso que se planejem situações para o seu bem-estar. Isso exige da escola um olhar sensível à demanda de todos aqueles que estão passando por esse momento (crianças, famílias, educadores). As respostas a essas demandas irão revelar a maturidade profissional da equipe da escola.

Outro aspecto que não deve ser ignorado nesse momento, segundo a autora, é a possibilidade de aprendizagem que esse período gera nas crianças. Ao perceber que o adulto considera os seus sentimentos, que ela é valorizada em seus medos e inseguranças, a criança vai aprendendo a estabelecer uma relação mais humanizadora com as outras. O contrário também é verdadeiro, ou seja, ao observar que o choro é ignorado, que os sentimentos dela são negados, as relações desumanizadas passam a ser aprendidas (MAUDONNET, 2010).

O acolhimento traz em si a dimensão do cotidiano, ou seja, acontece todos os dias: na entrada da escola, no olhar atento, na resolução de um problema etc. Ao acolher, mostra-se ao outro que ele é bem vindo, que é querido e importante naquele ambiente (ORTIZ, 2012). Portanto, trata-se de uma fase que exige mais



cuidados. Cabe ao professor um olhar atento para estas crianças que buscam a satisfação de suas necessidades pela expressão corporal.

1.2 Papel do Professor

O professor precisa fazer com que as crianças se sintam cuidadas, confortáveis e seguras, conforme refere Ortiz (2012). Segundo a autora, o modo com que a escola planeja o período de adaptação evidencia a concepção de educação e de aluno e, dessa forma, direciona sua prática.

Cabe ao professor estimular a expressão corporal da criança enquanto bebê e aperfeiçoar o desenvolvimento de outras capacidades conforme vai crescendo, propiciando um ambiente confortável, acolhedor e estabelecendo vínculos afetivos.

A existência de um ambiente acolhedor, porém, não significa eliminar conflitos, disputas ou divergências presentes nas interações sociais, mas pressupõe que o professor forneça elementos afetivos e de linguagem para que as crianças aprendam a conviver, buscando as soluções mais adequadas para as situações com as quais se defrontam diariamente. (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1998, p. 31).

Os desafios ou conflitos são também importantes num ambiente acolhedor, pois a criança desenvolve a capacidade de buscar soluções para resolvê-los, contribuindo, assim, com seu amadurecimento, aprendizagem e com o enfrentamento de situações que surgirão no decorrer de suas vidas. Portanto, conforme orienta os Parâmetros Curriculares da Educação Infantil (1998), ter um ambiente acolhedor é também propiciar situações de conflito para promover o crescimento da criança, auxiliando-a, desde cedo, a enfrentar os problemas. Ainda, a prática educativa precisa buscar situações de aprendizagens que reproduzam contextos cotidianos, nos quais o escrever, contar, ler, desenhar, procurar uma informação tenha uma função real.

Para Bassedas, Huguet e Sole (1999, p. 63), "A base que sustenta as aprendizagens feitas pelas crianças dessa idade na escola é a relação afetiva que se cria entre elas e a professora". Assim, é preciso oportunizar contextos ricos que permitam à criança defrontar-se com novas experiências nas quais possam manipular, experimentar, observar etc. Os momentos de aprendizagem nesse nível



de ensino são construídos pela relação do professor com a criança. Não se trata “de prescrever um só método, mas de utilizar estratégias que sejam adequadas para dar o tratamento educativo que cada menino ou menina necessita (BASSEDAS; HUGUET; SOLE, 1999, p. 64).

Mas, como o professor deve agir diante de crianças de 0 a 2 anos que ainda não falam, balbuciam ou estão aprendendo a falar?

A criança de 0 a 2 anos ainda não consegue manifestar verbalmente suas necessidades ou desejos, mas, segundo Craidy (2006), se o professor observar o corpo do bebê, suas formas e movimentos, pode descobrir indicativos que orientem sua atuação, pois a criança manifesta seus sentimentos através do corpo.

Ao nascer, o bebê tem como porta de acesso ao mundo seus sentidos. Através do paladar, do tato, da audição, da visão e do olfato, o bebê vai interagindo e estabelecendo relações com o mundo, alimentando-se de comida de conhecimento. (CRAIDY, 2006, p. 33).

No primeiro ano de vida é importante considerar alguns aspectos, como:

[...] ocorre uma grande quantidade de aquisições muito importantes, as quais serão definitivas para o desenvolvimento posterior. Passa-se de alguns movimentos iniciais involuntários a um controle de movimentos; modifica-se a posição do corpo e começa a ser possível movimentar-se caminhando; inicia-se a preensão com os dedos da mão, bem como as primeiras aquisições perceptivo-motoras. (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999, p. 31).

Outro aspecto importante que se desenvolve durante o primeiro ano de vida é a possibilidade de usar as mãos para agarrar e explorar os objetos. Dessa forma, verifica-se que as aquisições da criança no primeiro ano de vida serão a base para o seu desenvolvimento posterior em todos os aspectos. Importante, portanto, o professor compreender o processo de maturação da criança, seja em seus aspectos neurológico, físico ou afetivo, pois a relação afetiva que estabelece com a criança é determinante para o bom desenvolvimento da criança.

Até os 8 meses, o bebê tem poucos movimentos. É um corpinho ainda frágil. Nessa etapa, o professor precisa estimular ele corporalmente, através do toque afetuoso, de massagens pelo corpinho, pelo abraço, beijo, pelo embalo; através do cuidar com afeto na hora do banho, da troca, do sono, da alimentação e das brincadeiras (CRAIDY, 2006). Esses momentos são fundamentais para que o bebê vá conhecendo seu corpo e para desenvolver a habilidades de se virarem na



caminha, engatinharem, apoiarem-se e fiquem de pé até conseguirem andar. Além da habilidade motora, o professor está desenvolvendo também a afetividade (CRAIDY, 2006).

Nessa fase, é preciso trabalhar atividades que estimulem o desenvolvimento corporal e sensorial. Além dos cuidados com o trocar, dormir, dar banho e alimentar, podem ser trabalhadas habilidades com bola, barra de ferro para a criança se firmar, levantar, dar os primeiros passinhos, destaca Craidy (2006). O bebê ainda não fala, mas ouve, portanto,

Ao invés de deixá-los no berço ou no colchonete, no chão, olhando para o teto ou para a parede sem estímulos visuais ou sonoros, seria importante que o adulto conversasse com eles, cantasse para eles, apresentasse brinquedos articulados e objetos de cores bem marcantes [...], de preferência que produzam sons [...] é importante que o ambiente que está ao alcance dos olhos, ouvidos e mãos da criança esteja organizado de tal forma que ela possa, através de sua própria iniciativa, interagir com os objetos e brinquedos que compõem o ambiente. (CRAIDY, 2006, p. 34-35).

Nesse período o estímulo acontece mais pelos sentidos: coordenação motora, o tato, o paladar, a audição, visão, e, para isso, é preciso oferecer um ambiente propício.

Com o passar do tempo, trabalhar com a criança a habilidade de segurar a mamadeira, talheres; trabalhar com brinquedos de empilhar e encaixar; brincar na areia, fazer casinhas, castelos, comidinhas; balançar, brincar nos pneus, no escorregador; passear com elas no recreio para que seu corpinho vá ganhando forma, força, agilidade, segurança, auxiliando a se tornarem independentes, ou seja, encorajando-os a “caminhar em direção a novos desafios e conquistas” (CRAIDY 2006, p. 37).

Craidy (2006, p. 37) pontua que “Os brinquedos oferecidos aos bebês devem ser de diferentes materiais, texturas, formas e cores – a fim de que sua percepção tátil e visual seja desenvolvida”. Caixas, garrafas pet, papéis coloridos, revistas etc. se transformam em excelentes materiais para manipulação.

Quanto à fala, a autora refere que as pequenas sequências de “aaaas”, ou “papapa” não dizem nada, mas, à medida que se interagir com a criança pela fala, estas sequências passam a ser empregadas com sentido, ou seja, “‘papapa’ se transforma em comida; ‘papa’, em papai; ‘mama’, em mamar; ‘mamama’, em



mamãe" (CRAIDY, 2006, p. 39). Aos poucos, a criança vai ampliando seu vocabulário e dominando a linguagem oral.

Ao solicitar algo com o dedo, a criança precisa ser estimulada a verbalizar o seu desejo. As canções e histórias também são muito importantes para o desenvolvimento da linguagem oral nessa faixa etária. As histórias estimulam também o hábito da leitura na criança que, se não for estimulada desde cedo, não desenvolverá o gosto pela leitura (CRAIDY, 2006).

Explorar sons com sucatas, chocalhos, pratos, copos, talheres, palmas, instrumentos musicais, etc. são importantes para o exercício sonoro da criança e, por volta de um ano e meio, quando ela já consegue manusear objetos, é preciso oferecer lápis e papel para rabiscar; tinta e pincel para fazer suas representações. Não importa o espaço, o limite, os riscos, as formas, pois,

Neste período, as formas não têm compromisso com o real; fazer esta relação é uma necessidade do adulto e não da criança. O que devemos fazer é estimular a observação, a memória e a imaginação; variar os materiais e situações, propondo desafios lúdicos, através dos quais a criança possa contar suas vivências. (CRAIDY, 2006, p. 48).

Um ambiente acolhedor contribui para o desenvolvimento da criança em todos os aspectos (motor, afetivo, cognitivo etc.). Considera-se, nesse sentido, que o professor tem um papel muito importante na formação desses aspectos, pois é ele que fica na maior parte do tempo com a criança e ele será responsável pela formação da personalidade da criança, pois é nessa fase que ela vai construindo sua personalidade. Experiências boas contribuirão para a formação de sujeitos tranquilos, seguros, capazes de se relacionar com o mundo, de estabelecer relações afetivas e de enfrentar desafios e obstáculos.

1.3 Papel da escola

A escola tem o papel de estabelecer o corte na relação mãe-filho, o que pode produzir a sensação de insegurança e abandono na criança. Cabe a escola mostrar o quanto ela é bem vinda através das relações de afeto e pela forma de trabalhar com a criança. Nesse sentido, para Pereira (2003 apud THUMS, 2012, p. 4),



A função da escola de educação infantil não é a de ser um substituto para uma mãe ausente, mas de suplementar e ampliar o papel que, nos primeiros anos, só a mãe ou o pai desempenham. Sabe-se que a partir do estabelecimento de uma boa relação da criança com seus pais, sua personalidade estruturar-se-á gradualmente e será possível uma satisfatória relação desta criança com o mundo externo.

A Educação Infantil tem, portanto, a incumbência de continuar a educação da criança que até então estava sendo desempenhada pelos pais.

Propiciar um ambiente acolhedor requer conhecer a criança previamente e antecipar-se às atividades, ou seja, planejar atividades de acordo com os interesses das crianças, arrumar a sala, o espaço, o cantinho da leitura, das brincadeiras etc.

Na Educação Infantil, muitas vezes, se tem uma concepção equivocada de se pensar que por se tratar de crianças não é necessário planejamento. Em todas as modalidades de ensino o planejamento é um processo fundamental. Mais ainda na Educação Infantil porque não se tem previsão do comportamento das crianças de como vão responder a certas atividades.

O planejamento precisa estar articulado aos Parâmetros Curriculares da Educação Infantil, seguindo os preceitos nele contidos para que se possa oferecer uma educação de qualidade nessa etapa de vida da criança. Traçar um roteiro de como acontecerá a chegada dos alunos nos primeiros dias, pensar em tempos, espaços, materiais e atribuições de cada profissional da escola são aspectos fundamentais para garantir a qualidade da adaptação.

O acolhimento às famílias e aos alunos acontece já no ato da matrícula, podendo ser adotado o mesmo procedimento numa entrevista.

Algumas escolas optam também em realizar uma reunião somente com os pais dos novos alunos. Independentemente da escolha, é importante realizar uma reunião com os pais para explicitar o funcionamento da escola, o Projeto Político Pedagógico, a rotina da escola e espaços existentes. É um momento que oportuniza também o esclarecimento de dúvidas dos pais.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) orienta sobre a importância de, nesse momento, receber poucas crianças para que se possa atender individualmente a cada uma. Ainda, "Deve-se permitir que a criança traga de casa um objeto de estimação, como o travesseiro, o ursinho ou mesmo a fralda da qual não se separa, pois estes objetos podem representar para ela uma segurança neste ambiente completamente desconhecido" (CRAIDY, 2006, p. 12).



Essa atitude da escola colabora para diminuir o estranhamento a um ambiente diferente do familiar até que a criança se familiarize com o novo ambiente.

A organização do espaço na sala deve proporcionar a realização das atividades propostas e respeitar as necessidades das crianças. O espaço precisa ter, segundo Bassedas, Huguet e Sole (1999): lugares de encontro; lugares de ação individual ou em pequenos grupos; lugares amplos para se moverem; locais de grupo; lugares para dormir ou descansar; lugares para trocar-se ou limpar-se; lugares de ação individual. Esse espaço pode ir sendo organizado e mudado no decorrer do ano, conforme o professor verifica necessidades de alterações.

Quanto aos mobiliários, devem ser baixos, ter cadeiras pequenas, colchonetes e sofás; prateleiras altas; mesa pequena e baixa para a criança manipular os materiais; ter brinquedos e materiais diversos.

A estruturação do espaço, a forma como os materiais estão organizados, a qualidade e adequação dos mesmos são elementos essenciais de um projeto educativo. Não devem ser vistos como elementos passivos, mas ativos do processo educacional que "refletem a concepção de educação assumida pela instituição" (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1998, p. 68).

A aprendizagem transcende o espaço de sala de aula. O pátio oferece muitos recursos e uma grande riqueza de possibilidades para explorar as potencialidades das crianças. Trata-se, segundo Bassedas, Huguet e Sole (1999, p. 109), de "um ambiente no qual se aprende a relacionar-se com crianças e educadores de outros grupos, a conviver e a defender-se das invasões ou agressões dos maiores". Nesse espaço, a criança vivencia outras experiências, compartilha com outros grupos, enfrenta outros desafios e vai aprendendo a lidar com outras situações do dia-a-dia.

Além do espaço físico, os conteúdos precisam ser pensados. Em qualquer nível de ensino, é preciso planejar atividades, principalmente nessa etapa de vida em que a criança vai construindo sua própria personalidade. Faz parte do conteúdo atividades que desenvolvam coordenação motora (pegar, rasgar, tocar); expressão oral (cantar); cognitivas (montar, encaixar, rabiscar); afetividade (ajudar o coleguinha a montar).

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 50), os conteúdos referem-se "à construção ativa das capacidades para operar com símbolos, ideias, imagens e representações que permitem atribuir



sentido à realidade”. Crianças do Berçário I e II expressam suas através do corpo enquanto não falam e, com o tempo, pelos balbucios e rabiscos, que, para elas, têm sentido. Portanto, conteúdo, para Coll e Sole (1987 apud BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999, p. 60), “é tudo o que pode ser objeto de aprendizagem e, conseqüentemente, de ensino”. Na Educação Infantil significa “o que um menino ou uma menina devem ter de experiência para alcançar um desenvolvimento equilibrado” (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999, p. 60). Dessa forma,

Na creche e na pré-escola, existem basicamente fatos: as cores, o nome da criança, as partes de seu corpo, saber que se pode conseguir através da linguagem, conhecer o nome das coisas e alguns conceitos iniciais: os conceitos que elabora em torno do que é um animal, a escola, a noite, a televisão; uma representação que o menino ou a menina faz da realidade a partir de cenas e planos vividos – sempre que signifiquem a representação do que se apresente – que lhe permitam antecipar e prever. (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 1999, p. 61).

Nesse período escolar, os conteúdos precisam ser trabalhados no sentido de que as crianças saibam fazer coisas, ou seja, recortar, memorizar canções, utilizar o som, compreender ordens, dar-se conta e dizer quando precisa ir ao banheiro, realizar caminhadas etc.; saiba responder com determinados critérios e comportamentos diante das pessoas e das coisas (cuidar dos livros, falar bem, ter cuidado com a limpeza, respeitar as pessoas, enfrentar as dificuldades a seu nível, ter noções de perigo etc.), destacam Bassedas, Huguet e Solé (1999).

Importante ainda referir a necessidade de as escolas de Educação Infantil contar com profissionais qualificados, pois acolher a criança requer conhecer a sua realidade, compreender a sua individualidade (interesses, desejos, necessidades, limites) e oferecer atividades que contribuíssem para o seu desenvolvimento em todos os aspectos. Acolher é isso, pensar na criança, transmitir a ela afeto, segurança, conforto para que se sinta amada, desejada, e propiciar este ambiente que será sempre lembrado por toda a vida.

METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa, adotou-se o método de abordagem indutivo, por possibilitar o desenvolvimento de enunciados gerais sobre observações acumuladas de casos específicos ou proposições que possam ter validades



universais (GIL, 1999). Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, optou-se pela pesquisa bibliográfica, elaborada a partir de artigos de internet, livros e legislação que tratam da temática.

RESULTADOS

Sentiu-se a necessidade de repensar as práticas adotadas numa escola de Educação Infantil do Município de Ijuí - RS para propor um ambiente mais acolhedor às crianças que ingressam nesse ambiente.

O artigo possibilitou esta reflexão sobre a importância do acolhimento, a forma de atuação da escola e do professor para proporcionar um ambiente acolhedor para a criança se sentir segura, confiante e gostar de estar na escola.

Um ambiente acolhedor é fundamental para a criança ir superando seus medos, angústias e criando outros vínculos afetivos além da família, por isso é preciso respeitar a individualidade da criança, seus limites e tempo de se acomodar à nova situação. É também importante para o desenvolvimento de capacidades motoras, afetivas, cognitivas, ou seja, para a aquisição de novas aprendizagens e para o desenvolvimento da personalidade da criança, pois é nessa fase que a criança vai construindo sua personalidade.

Nesse sentido, a escola precisa oferecer um ambiente propício para que isso aconteça, ou seja, proporcionar espaço, planejar atividades condizentes com os interesses e necessidades da criança, oportunizar experiências além da sala de aula, dispor de objetos, livros, mobiliários etc. São recursos que auxiliam na aprendizagem da criança juntamente com o olhar e cuidados especiais do professor. Desafios e conflitos são também momentos de aprendizagem.

Na Educação Infantil, o acolhimento deve se fazer sempre presente: na entrada da escola, no olhar atento do professor e/ou cuidador, na resolução de um problema etc., pois pequenos gestos fazem a diferença na vida de uma criança.

Considerações finais

A educação infantil pode representar na vida de uma criança uma experiência rica que trará sempre lembranças agradáveis, como também pode ser a geradora de



muitos problemas. Por esta razão, a necessidade de acolher bem a criança no ingresso à escola. Ela chega à escola com medos, angústias, inseguranças, pois é um ambiente novo. Enfim, todo um processo novo de adaptação que terá que ter um ambiente acolhedor e prazeroso para que, aos poucos, vá superando esses sentimentos. Também para a escola, professores e pais é um período de adaptação. Nesse sentido, os vínculos afetivos entre família e escola precisam ser construídos para que a criança sinta que a família tem uma relação de confiança em relação aos seus novos cuidadores.

No que se refere aos hábitos e atitudes, desde pequena a criança precisa aprender a cuidar do seu material, colocar no lugar, compreender que existem horários, momentos de falar, escutar, brincar etc. As habilidades, aprendizagens e conhecimentos vão sendo, assim, construídos. Para a formação desses pequenos, é preciso também profissionais competentes, que tenham suporte teórico para planejar um trabalho condizente com suas realidades, gostos, preferências, necessidades, mas também que tenham habilidades e conhecimentos de diversas áreas para lidar com o imprevisto, pois nessa etapa de vida das crianças os imprevistos são constantes. Diverso do que equivocadamente muitos pensam, é preciso qualificação profissional nessa etapa de ensino, como também uma constante atualização e uma reflexão para rever constantemente a prática pedagógica.

Propiciar um ambiente acolhedor, com uma entrada acolhedora, uma sala aconchegante, atividades encantadoras, brinquedos e materiais diversos é, então, fundamental nesse processo. Porém, situações conflitantes também precisam ser apresentadas para que a criança aprenda a lidar com os obstáculos e desafios do dia-a-dia. Isso auxilia no seu crescimento em todos os aspectos para, futuramente, se posicionar como cidadão.

Acolher está relacionado ao ato de cuidar/educar, portanto, propiciar as condições de aprendizagem num ambiente que favoreça o desenvolvimento das habilidades, conhecimento e as interações sociais para a formação de cidadãos e o exercício da cidadania.



REFERÊNCIAS

BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1998.

CRAIDY, Carmen Maria (Org.). **O educar de todos os dias: convivendo com crianças de 0 a 6 anos**. 5. ed. Porto Alegre, 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999

MAUDONNET, J. **Adaptação acolhedora**. 2010. Disponível em: <<http://pedagogiacomainfancia.blogspot.com/2010/05/adaptacao-x-acolhimento-ou-adaptacao.html>>. Acesso em: 05 out. 2012.

ORTIZ, Cisele. **Acolhimento e adaptação na educação infantil**. 2010. Disponível em: <<http://paraalmdocuidar-educacaoinfantil.blogspot.com.br/2010/11/acolhimento-e-adaptacao-na-educacao.html>>. Acesso em: 04 out. 2012.

_____. **Adaptação e acolhimento: um cuidado inerente ao projeto educativo da instituição e um indicador de qualidade do serviço prestado pela instituição**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/acolhida-pdf>>. Acesso em: 04 out. 2012.

THUMS, Christiane Fontoura Ávila Thums
Ingresso e adaptação na educação infantil.
onde está a dificuldade?
Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/ingresso-e-adaptacao-na-educacao-infantil-onde-esta-a-dificuldade/63116/#ixzz2ARIm4dPi>>. Acesso em: 20 out. 2012.

Anexos:

